

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O Trilho do Gato – William A. Wellman
22 de Novembro e 5 de Dezembro de 2025

Lafayette Escadrille / 1958
Contigo nos Meus Braços

um filme de WILLIAM A. WELLMAN

Realização: William A. Wellman *Argumento:* Albert Sidney Fleischman e William A. Wellman (*não creditado*) baseado na história de William A. Wellman “C’est la guerre” *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco, 1:1,85): William Clothier *Montagem:* Owen Marks *Direcção artística:* John Beckman *Som:* John Kean *Música:* Leonard Rosenman *Interpretação:* Tab Hunter (Thad Walker), Etchika Choureau (Renée Beaulieu), William Wellman, Jr. [Bill Wellman, Jr.] (Bill Wellman), Jody McCrea (Tom Hitchcock), Dennis Devine (Red Scanlon), Marcel Dalio (Instrutor), David Janssen (Duke Sinclaire), Paul Fix (General americano), Veola Vonn (A Madame), Will Hutchins (Dave Putnam), Clint Eastwood (George Mosley), Bob Hover (Dave Judd), Tom Laughlin (Arthur Bluthenthal), Brett Halsey (Frank Baylies), Henry Nakamura (Jimmy), Maurice Marsac (Sargento Parris), Raymond Baylies (Mr. Walker), George Nardelli (Porteiro), Louis Mercier, etc. *Narração (off):* William A. Wellman.

Produção: William A. Wellman Production para a Warner Brothers (EUA, 1958) *Produtor:* William A. Wellman *Título de trabalho:* C’est la guerre, With You in My Arms *Título britânico:* Hell Bent for Glory *Estreia:* 18 de Abril de 1958, em cinemas de bairro, Nova Iorque *Estreia em Portugal:* 19 de Agosto de 1958, Monumental, Lisboa *Primeira apresentação na Cinemateca:* 17 de Março de 1990 (“O Topus Ilumina o Opus?”) *Cópia:* 35 mm, preto-e-branco, 93 minutos, versão original em inglês com falas em francês legendada electronicamente em português.

Aviso

A cópia 35 mm que vamos apresentar – o material disponível neste momento para a circulação do filme –, tem como característica física uma ondulação na película associada ao seu desgaste que resulta, em projecção, em passagens que tornam difícil o foco de imagem e a sua “flutuação”. É particularmente evidente na passagem das bobines, mas sucede em outros momentos. Fica a nota, alertando para o facto de se tratar uma condição do material.

Era um projecto do coração, foi um filme ingrato. A milhas do alvo, da justiça que merecia a obra e a obra na obra. Desfigurado por imposições beras, inflectidas numa preferência pelo drama romântico, a desfavor da história de guerra, camaradagem, amor e perda, e no final feliz, ao arrepio da matriz verídica, LAFAYETTE ESCADRILLE sofre de falta de sofrimento. Ou, melhor dito, de curto-circuito. É a história de produção que sobretudo conta no último Wellman. *C’est la guerre!* *É a vida*, lá exclama a fala recorrente de um dos jovens soldados americanos do filme em terras de França. Wellman pode tê-lo pronunciado a propósito desta produção concebida com as entranhas, uma entrega que redundaria na maior frustração da sua vida no cinema, ao ponto de lhe pôr um fim, quando viu o filme abalroado por Jack Warner, a quem a passou a dedicar os mais vocais impropérios.

Contexto, precisa-se. Décimo “filme de aviação” em trinta e um anos pós WINGS (1927), título fundador do “sub-género” alicerçado em Wellman, Hawks e Howard Hughes, e pós LEGION OF THE CONDEMNED (1928, dado como perdido a esta data), YOUNG EAGLES (1930), CENTRAL AIRPORT (1932), MEN WITH WINGS (1938), THUNDER BIRDS (1942), GALLANT JOURNEY (1946), ISLAND IN THE SKY (1953), THE HIGH AND THE MIGHTY (1954), LAFAYETTE ESCADRILLE é uma correspondência com a juventude pré-Hollywood de William A. Wellman. Assim profundamente pessoal, uma produção e realização do cineasta a partir de uma história original que evoca a própria biografia e, com, no elenco encabeçado por Tab Hunter e Etchika Choureau nos papéis de Thad Walker e Renée Beaulieu, um dos seus filhos no papel de si mesmo, o filho do seu amigo Joel McCrea no do seu amigo dos tempos de guerra Tom Hitchcock, o filho de Andy Devine no de Red Scanlon, outro jovem aviador-combatente. Bill Wellman, Jr., Jody

McCrea e Dennis Devine são dois dos actores do elenco alargado, que também conta com Duke Sinclair, David Judd, Dave Putnam, David Jansen, Tom Laughlin e o jovem senhor Clint Eastwood. LAFAYETTE ESCADRILLE foi o único Eastwood em que, na mocidade de actor, quando Hollywood se abeirava da passagem, da velha à nova, Clint foi fugidamente dirigido por um grande cineasta clássico. Posicionado ele mesmo em tempos contemporâneos, no lugar do mais clássico dos cineastas americanos, com o seu passado e o seu presente, Eastwood costuma lembrá-lo evocando Wellman como “o eterno rebelde, sempre a tentar uma coisa nova”.

Contexto, que tarda. O argumento de *C'est la guerre* – a expressão dobra o título da história original de Wellman, note-se – “talvez seja o mais intransigentemente autobiográfico alguma vez saído do sistema dos estúdios de Hollywood”, escrevia Frank T. Thompson em 1983, na primeira monografia publicada sobre Wellman e uma das referências no estudo da sua obra. É que se LAFAYETTE ESCADRILLE retrata a célebre esquadra de aviação da Primeira Guerra e presta homenagem aos aviadores americanos mortos em França, com material filmado para MEN WITH WINGS, encenando uma história de base verídica, com personagens e episódios ficcionados da vida privada do cineasta enquanto jovem aviador de combate na Lafayette Flying Corps, mas detendo-se em especial na história de amor entre um dos soldados e uma rapariga parisiense, o projecto inicial era mais cru e mais colectivo, em suma, era mais wellmaniano. Wellman, em conversa numa visita de rodagem citada por Thompson: “É tudo verdade. Até aqueles caixotes antigos em que voávamos. Lembro-me de pilotos com quem voei como se tudo tivesse acontecido ontem. Tentei entregar esses papéis a actores que tivessem personalidades semelhantes aos aviadores que estão a interpretar.”

A ideia dos “filhos” dos amigos actores terá surgido depois de Wellman, Jr. ter sido recrutado por sugestão de um director de *casting* da Warner, acolhida pelo realizador. Como na rodagem de MEN WITH WINGS (em que a personagem de Fred MacMurray se junta à Lafayette Escadrille, embora pilote um avião chamado “Celia”, como o de Wellman na Lafayette Flying Corps., nomeado em elogio à sua mãe). Nos anos 1950 de Hollywood parecia, era, extemporâneo voltar à Primeira Guerra Mundial e Wellman teve de esmerar-se para conseguir que a Warner entrasse na produção do filme. A odisséia remonta à década de 1930, quando apresentou o projecto pela primeira vez a Darryl Zanuck na Warner, e depois a David Selznick. Seguiram-se, nos anos 1940, de novo Zanuck, na Fox, e Louis B. Mayer na MGM. E ainda Dore Schary no princípio dos anos 1950. Nunca a coisa se concretizou, até que o êxito de THE HIGH AND THE MIGHTY (1952) abriu essa porta. A negociação com Jack Warner passou por aceitar os termos de um baixo orçamento, abdicar do salário, trocado por uma eventual percentagem sobre lucros, e pelo compromisso de outro filme para a Warner, às escuras e sem exigências, o que veio a ser cumprido com DARBY'S RANGERS, rodado logo depois da filmagem de LAFAYETTE ESCADRILLE e estreado antes.

Bill Wellman, Jr. contou a história toda em 2015, quando publicou o seu livro sobre o pai, outra fonte fundamental (*Wild “Bill” Wellman*), completando-a com informações íntimas reveladas pelo pai pouco antes de morrer, em 1975, para que as guardasse: um primeiro casamento (o primeiro de cinco, os três do meio pouco afortunados) de que Wellman guardou segredo absoluto até o revelar ao filho como a história de um primeiro grande amor, com a rapariga que conheceu em Paris na Guerra, com quem casou, foi brevemente feliz em tempos adversos, e que viu morrer nos escombros de um bombardeamento quando a via afastar-se na rua certa vez fatal. Uma rapariga chamada Renée como a protagonista deste filme. No livro, Bill Wellman, Jr. começa a contar a história de LAFAYETTE ESCADRILLE sublinhando a dimensão pessoal na obra do pai, como este projecto estava pensado para ser a coroa de glória pessoal do cineasta:

“No seu longo percurso, Wellman descobriu projectos que lhe consumiram a imaginação e lhe cativaram o espírito. Independentemente dos obstáculos que se atravessassem no caminho, independentemente do tempo que tal jornada pudesse levar, eram estas as histórias que tinha de fazer. Ao contrário de outros cineastas que nunca viram os seus filmes favoritos produzidos, ele viu – um elogio ao estatuto que tinha na indústria, e à sua determinação. Outros filmes, outras missões foram importantes, mas serviam por vezes de distração até que regressasse às poderosas narrativas que o haviam possuído.” O elenco seguinte designa LEGION OF THE

CONDEMNED, “uma história de aviação ainda mais pessoal do que WINGS”, THE PUBLIC ENEMY, A STAR IS BORN, ISLAND IN THE SKY entre os que, desses, conseguiu concretizar sem atrito; THE OX-BOW INCIDENT, “um sonho sonhado vários anos antes de ter tido luz verde” e o projecto de DIRIGIBLE, que sofreu dezassete anos de transformação antes de ser produzido como THIS MAN’S NAVY, “não a versão artística por ele desejada mas, ainda assim, um prémio de consolação”. Terá havido outros *escolhidos* – continua a ler-se – “mas nenhum destes filmes compara com a odisseia da visão fílmica culminante de Wellman, *C’est la guerre*”. “Esta história esteve implantada com firmeza na sua cabeça, na sua alma e numa página impressa – não durante semanas, meses, anos, mas durante décadas. Era a história dos jovens bravos heróis que conheceu, que tombaram a defender a justiça e a liberdade na Primeira Guerra Mundial. A sua narração no filme revela, «Chegaram com espírito de aventura ou um sentido de impaciência nos dias que antecederam a entrada da América na guerra. Usavam fardas francesas, combateram em aviões franceses, e apaixonaram-se por mulheres francesas».”

Quanto Wellman escreveu a história a partir da qual A. S. Fleischman faria o argumento, caracterizou o protagonista como “o jovem rebelde que tentava fugir de um passado turbulento” como o dele na juventude pré-guerra, ainda que o definisse como um herói “em parte real, em parte ficção” construído a partir da figura de um camarada. Uma tragédia, em que se põe a si mesmo na história como amigo da personagem de Thad, o rapaz que se apaixona por Renée, no filme uma rapariga que fora prostituta, que fala pouco inglês e que arranja trabalho nocturno no metropolitano de Paris para ganhar a vida. A integração e a deserção, por amor, a reintegração, na Lafayette, fazem parte das peripécias narrativas, em que uma cicatriz e uma boina são elementos significativos, como o são o sentido de humor, a camaradagem de caserna, a dura realidade da guerra. Para o papel dele, Wellman terá pensado em James Dean, antes de a vida da estrela incandescente de EAST OF EDEN e REBEL WITHOUT A CAUSE (1955) ser tragicamente ceifada; ou ainda em Paul Newman, mas os astros não foram favoráveis. O papel de Renée foi entregue, para um primeiro filme americano, à actriz francesa Etchika Choureau, com quem, nos bastidores, Hunter não tinha “química” nenhuma, conta, com mais pormenor, Wellman, Jr. falando da paixão da actriz e da homossexualidade do actor nos anos 1950 em que o tema era um não dito nos estúdios.

Também é ele quem relata que os cenários foram construídos em Santa Monica, duplicando cenários verídicos da experiência de aviação de guerra de Wellman, e ainda nos exteriores da “rua francesa da 20th Century Fox” e nos estúdios de som da Warner. Consultores técnicos, duplos, tudo foi cuidadosamente preparado. A equipa passou muito tempo à procura dos aviões certos, alguns foram construídos, outros descobertos em museus, como os raros Bleriot, que impuseram dificuldades acrescidas ao director de fotografia Bill Clothier, por ser difícil acoplar-lhes câmaras. A rodagem aconteceu entre Outubro e Dezembro de 1956. O *director’s cut* mostrado numa *sneak preview* nesse mesmo mês. Imediata ou posteriormente, os executivos da Warner desgostaram-se com a tragédia da história e o final infeliz.

Nos anos seguintes, Wellman contou várias versões dessa noite de estreia desgraçada, das reacções que ouviu de espectadores e espectadoras em primeira mão. Numa entrevista quinze anos depois do acontecimento, segundo a mesma fonte, o relato era este: “Eu tinha filmado uma tragédia, que era o que aquilo era. Foi mostrado nessa sessão como tragédia. Foi a única ante-estreia a que assisti em que as pessoas se deixaram estar sem dizer nada quando o filme acabou. Depois ouviu-se um bater de palmas e outro e outro e de repente começaram a aplaudir. E o sacana daquele cabrão (Jack Warner) resolveu que matar o Tab Hunter – não é para rir – era impossível. Portanto alteraram o final e chamaram-lhe LAFAYETTE ESCADRILLE: o filme não tinha rigorosamente nada que ver com a Lafayette Escadrille. Os tipos (da Lafayette Escadrille original) que ainda estavam vivos acharam que eu tinha ensandecido [até porque a sua experiência fora na Lafayette Flying Corps]. Disse ao Warner que se apanhasse sozinho, o que era caso impossível no caso dele, o punha no hospital. Nunca detestei tanto um homem.”

Parece ser de acrescentar à lenda, alimentada ao longo dos anos pelo próprio Wellman no seu antagonismo à escolha do título, à Warner e a Jack Warner em particular, que na altura Tab Hunter lançara um disco de

grande popularidade e que a Warner decidiu reter a estreia do filme (que já tivera mais do que um título alternativo, incluindo o “With You in My Arms” que o título da estreia portuguesa foi buscar) para capitalizar o pico da celebridade de Hunter, que não chegou a dar-se. Quanto à tragédia que havia que contrariar, Wellman filmou novo material com o casal protagonista em Agosto de 1957, para dar um final feliz às personagens de Tab e Renée. E são dele o texto e a voz do narrador que referem a Lafayette Escadrille. Numa primeira instância – relata Bill Wellman, Jr. – o cineasta decidiu filmar o novo final, incluindo o casamento do casal, ao perceber que Warner avançaria com ou sem ele, dado que o contrato não garantia o *final cut*. “Preferindo isso à possibilidade de entrada em cena de outro realizador, Wellman fimou-o ele próprio. Foi uma época muito triste, que o realizador nunca esquecerá.” Além do final e da alteração do título, foram cortadas cenas de aviação e entre o grupo de homens. Distribuído em Março de 1958, LAFAYETTE ESCADRILLE falhou as graças do público e da crítica, que foram em alguns casos bastante severas.

“Wellman ficou devastado. Realizara filmes sem êxito no passado, mas este carregava consigo a sentença de culpa e desespero de uma vida.” No livro do filho, o capítulo termina com a descrição do último dia de Wellman nos estúdios da Warner, de Hollywood, passando por “estúdios de som onde o realizador fizera vinte e três dos seus filmes – favoritos pessoais como THE PUBLIC ENEMY, HEROES FOR SALE, NIGHT NURSE, WILD BOYS OF THE ROAD, ISLAND IN THE SKY, THE HIGH AND THE MIGHTY e GOOD-BYE, MY LADY.”

Ninguém como ele – escrevia Manuel Cintra Ferreira, na “folha” que acompanhou passagens anteriores – “tinha o sentido dramático do céu vazio, onde os aviões surgiam como linhas dinâmicas que rasgam o quadro em vários sentidos, e da sua enorme força dramática (um dos momentos maiores da sua obra é o final de um filme pouco conhecido, GALLANT JOURNEY, com o cadáver do personagem aos comandos do avião que sobe no espaço). Mas também sabia da força dos sentimentos na condução dos destinos particulares (o melodrama não é um acidente na sua carreira, e basta lembrar A STAR IS BORN, THE LIGHT THAT FAILED), e conhecia a importância dos pormenores realistas. A sequência da primeira noite dos jovens voluntários no quartel, com os incómodos e os percevejos, leva-nos para a sombria paisagem italiana de THE STORY OF G.I. JOE, assim como a apresentação que a voz *off* do próprio Wellman) faz dos que os rodeiam, em poses que sugerem as de vítimas sacrificiais. Resumo dos seus temas, LAFAYETTE ESCADRILLE apresenta também um ‘autor’ em toda a sua maturidade, com momentos cuja modernidade estética apenas poderá surpreender quem desconhece a obra de Wellman”: o encontro de Thad e Renée no bar; o da fuga de Thad da prisão. “Tais momentos alternam com sequências clássicas do melodrama, que respeitam as convenções, Thad e Renée no campo de flores, a despedida na estação (tão bela com o rosto de Etchika Choureau de olhos fechados). Ou ainda o ‘casamento’ no quarto com o missal, comovente como um filme de Borzage.” Na parte final, “talvez seja melhor fechar os olhos e *ver* o que Wellman filmou previamente. Porque o *happy end* imposto vem contra toda a lógica. Com a morte na alma, Wellman usa o humor como defesa: a aparição *ex machina* de Thad, encostado à parede, e os beijos sucessivos dos companheiros em Renée, demasiado longos e húmidos, para deixarem no ar uma ambiguidade. A amargura da derrota num combate que lhe era tão caro trouxe a Wellman uma perversidade que não se encontra na sua obra”.

Há que reparar noutras coisas em LAFAYETTE ESCADRILLE, ou numa personagem como a de Jimmy, interpretado por Henry Nakamura, que tudo indica dever originalmente cumprir uma função similar à que espantosamente desempenha no espantoso WESTWARD THE WOMEN, ligando o retrato colectivo e o colectivo do retrato, numa rede de emoções e entrelinhas aqui perdida.

Maria João Madeira